

e Londres, apenas para se perceber preso ao passado que sua cidade de origem representa: 'Minha reclusão não é atributo da geografia', conclui ele, numa carta a Lavo.

Pequenas porções de realidade parecem ser peças importantes na literatura de Hatoum. A própria história do autor serve como base - ainda que, diga-se, o romance não seja autobiográfico. Mesmo assim, o escritor, arquiteto por formação, parte de fundações reais para erguer sua ficção. Os dois protagonistas são contemporâneos de Hatoum, nascidos no início dos anos 50. Ao longo da trama, acompanham o que ele mesmo viu: o golpe de 1964, os Anos de Chumbo, o milagre econômico e a abertura. O colégio Pedro II de Manaus, por onde passam Lavo e Mundo, teve como aluno o autor: 'O escritor sempre paga um dizimo ao real', conforma-se o autor. Com essa mistura de memória, ficção, dramas bem urdidos e detalhes que enchem a narrativa de verdade e cotidiano, Milton Hatoum enjaula o leitor, torna-o refém de sua história triste e irresistível. *Cinzas do Norte* é uma prisão amarga, à imagem da trajetória dos personagens. Mas nos proporciona o prazer que é a leitura de um grande romance.

### Trecho

*Cresci ouvindo meus tios brigarem por causa de Alicia, que tinha morado num bairro vizinho, o Jardim dos Barés. Uma história anterior ao meu nascimento que, no entanto, ainda era comentada no Morro da Catita e parecia não ter fim. Certa vez, eu e minha tia avistamos Alicia e Jano na rua da Instalação, saindo da Casa Verde e Dois Paulista. Vinham abraçados e sorridentes em direção a nós; tia Ramirita diminuiu o passo, ficou nervosa, me puxou pelo braço, quis voltar. Paramos numa atitude típicamente curuprententou Ramirita, com um sorriso, erguendo a mão. Vi o rosto maquiado de Alicia, senti sua mão esparar meu cabelo, os dedos perfumados roçarem meus lábios, e ouvi a voz dizer: 'Como está grandinho, é a cara da mãe!'*

(Beatriz Velloso, *Revista Época*, 15 ago. 2005)

## 3 COMO SE FAZ UMA RESENHA ACADÊMICA

A RESENHA ACADÊMICA estrutura-se nas seguintes partes (cf. Severino, 2000: 131D):

- 1- *Cabeçalho*: onde são transcritos os dados bibliográficos completos da publicação resenhada.
- 2- *Informação sobre o autor*: esta parte deve ser breve e pode ser dispensável se o autor for bastante conhecido.
- 3- *Exposição sintética do conteúdo do texto*: esta síntese deve ser clara e objetiva, apresentando os pontos principais da obra analisada. Deve transmitir ao leitor, segundo Severino, "uma visão precisa do conteúdo do texto, de acordo com a análise temática, destacando o assunto, os objetivos, a idéia central, os principais passos do raciocínio do autor" (p. 132).
- 4- *Comentário crítico*: avaliação crítica elaborada pelo resenhista que pode assinalar aspectos positivos (contribuição para determinados setores da cultura, sua qualidade científica, filosófica ou literária, sua originalidade) ou

negativos (falhas, incoerências, limitações) do texto em pauta. Cabe lembrar que as críticas devem ser relacionadas às idéias e posições do autor, jamais a sua pessoa.

É sempre adequado contextualizar a obra sob análise no âmbito do pensamento do autor, relacionando-a com suas demais produções e com as condições gerais da cultura ou da ciência na época de sua publicação.

Vejamos, a seguir, uma resenha produzida por alunos do 2º ano de graduação do curso de História da UNESP de Assis (São Paulo).

**Daniel Valle Ribeiro - A Cristianidade do Ocidente Medieval: uma leitura dos alunos da graduação.**

Sob um místico véu, ora repleto de críticas a sua tenebrosidade, ora romanticamente exaltada no reluzente brilho das armaduras, os dez séculos que compreendem o medieval foram responsáveis pela montagem da Europa e pela configuração do mundo moderno e contemporâneo. Pode-se afirmar que a Idade Média foi um divisor de águas na história da humanidade ocidental, onde se destaca o papel da religiosidade e da Igreja Católica.

É exatamente isso que mostra a obra "A Cristianidade no Ocidente Medieval", de Daniel Valle Ribeiro. Num formato paradigmático, o livro publicado pela Editora Atual, em 1998, com 106 páginas, figura como um prático manual que, com suas informações gerais, dispõe uma essencial leitura de base para o assunto.

Nesse estudo, Daniel Valle Ribeiro aborda os fatos e as conjunturas mais relevantes da Igreja Católica e seu desenvolvimento no Ocidente Medieval. Para tanto, traz sua trajetória desde o nascimento da crença, na Judéia, e da fundamental ação do apóstolo Paulo para sua propagação. A maneira com que trata o tema nos traz um claro entendimento de questões que costumam promover diversas dúvidas, principalmente nas extensas e difíceis publicações acadêmicas nas quais os autores escrevem para os seus pares. As crises que sofreu o velho culto cristão, dando origem as diversas outras religiões, como

os Gnosticos, seguidores de Marciano e monistas, assim como o resumo de suas doutrinas, são informações que nem sempre, excetuando-se os dicionários específicos, são reunidas de forma tão esclarecedora. Tal qual no tocante da expansão cristã no Ocidente, que deu-se de forma mais lenta que a feita no âmbito Oriental.

A organização feita em capítulos e subcapítulos proporciona mais fácil compreensão do entrelaçar entre a expansão no Ocidente, fomentada após a vitória de Constantino sob o signo cristão, pelo bispo de Roma, vigário de Pedro, como decretara o Papa Leão I (440-461) e entre a ação dos doutores da Igreja, São Jerônimo, que traduziu o Antigo e o Novo Testamento do hebraico e do grego para o latim, a famosa *Vulgata*; Santo Ambrósio, destacando-se pela autonomia da Igreja diante do Estado e, um dos mais significativos, Santo Agostinho, que iluminou os caminhos da Igreja com seu pensamento e suas obras. Tais relações fazem a compreensão da gênese cristã enquanto instituição bastante acessível, inclusive para leigos, que encontram na obra um porto seguro para o início de seus estudos.

Os primórdios da Igreja ocidental são abordados de maneira singular pelo autor, demonstrando um domínio oriundo de suas próprias experiências nos estudos da Alta Idade Média. Daniel Valle Ribeiro expõe os problemas que a instituição teve com o arianismo, uma interpretação da trindade cristã heretizada em Niceia, e seu papel de reorganizadora da *pars occidentalis*. Já detentora de grandes porções de terras, a Igreja começava a tomar as rédeas do Oeste Europeu e despontar como única instituição organizada.

Outro ponto forte da obra é a constante contextualização com o universo Bizantino. Embora, como demonstra o título da obra em questão, a proposta de estudo seja a Cristianidade Ocidental, há questões fundamentais para seu estabelecimento que advêm do Oriente. Tratadas muitas vezes de maneiras superficialmente segregadas, ou academicamente aprofundadas, a diferença entre os prismas obtidos pelo Ocidente e pelo Oriente em fatos como os cismas, sobretudo de 1054, ou mesmo a iconoclastia, todas questões fundamentais para a História de ambas Igrejas e povos, são também tratadas de forma inteligível, ressaltando-se as informações mais relevantes para seu entendimento primeiro. Tais relações

traçadas pelo autor nos trazem uma compreensão da rica história da Igreja Medieval do Ocidente e não um mosaico de fatos isolados que dificultam sua compreensão.

No que toca ao monasticismo, por exemplo, sua conexão com o advento da Quêrela das Investiduras. O monaquismo é descrito desde o eremitismo nos desertos do Oriente, e o anacoretismo e suas iguais renúncias, tidas ainda como suspeitas, até seu estabelecimento como prática cristã, deixando sempre claras as diferenças de suas dissidências. Os monges passaram a representar no campo, em uma época de ruralização da Europa, o que o bispo representava para a cidade, em declínio. Desenvolvido por São Bento de Nursia, que instituiu o preceito do "*Ora et Labora*", o monaquismo ocidental teve em suas origens, dissensões, tais como na Irlanda, onde se intensificou e se tornou mais rígido tendo diferente liturgia e rituais. Como mostra o autor, a linhagem monacal cresceu e tornou-se par do clero secular. Exemplo disso, vemos quando Cluny chegou a Sé Romana, especialmente com Gregório VII, que encontrou problemas morais não vistos com tanta frequência nos mosteiros. Gregório VII foi um exemplo. Intencionando o fim da simonia e do nicolaísmo, além de maior controle sobre o poder temporal, decretou, dentre outros pontos, a proibição à investidura laica, dando início à famosa Quêrela das Investiduras. Conclusões como essa só foram possíveis após a leitura da presente obra que traz as informações necessárias para um aprofundamento reflexivo mais seguro.

O livro também mostra a heresia de uma ótica diferenciada: a começar pela palavra "heresia" que, em grego, não significa nada além de escolha. Sempre se teve a igreja como ferrozosa repressora dos hereges. Porém, com a leitura desta obra, vê-se que o clero, principalmente no período de sua formação, no que Paola Maria Arcari, autora citada na obra, define como estágio cenobítico, mostra-se muito perspicazmente indulgente. O sincretismo com as demais religiões como, por exemplo, o culto à grande mãe celta, é um sintoma do acima dito.

De fato, conforme a Igreja ganhava poder, sua piedade tendia a diminuir. Contudo, tais informações rompem com idéias e conceitos padronizados, partes de um aprendizado reducionista e demasiadamente superficial. Superficialidade contida também na

interpretação do clero como um Estado. O entendimento dos principais conflitos e alianças entre os poderes temporal e espiritual é, sob o ponto de vista de nossa leitura, o ápice da obra. Elementos fundamentais para a compreensão do período medieval são abordados por Daniel Valle Ribeiro de forma factual e em evolução cronológica, sempre com a pertinente inserção dos universos Bizantino e Islâmico.

A criação do Estado pontifício em aliança com o então proclamado imperador dos Francos, Carlos Magno, aliança esta trazida e desenvolvida desde Carlos Martel, que venceu o Islã em Poitiers confiscando terras eclesásticas, e Pepino, o Breve, vencedor dos Lombardos e realizador da concessão, foram essenciais para o deslucamento do eixo europeu ocidental do Mediterrâneo, controlado então pelos muçulmanos, para o Norte. Aproveitando da fraqueza de Luís, o Piedoso, filho de Carlos Magno, e dos conflitos entre seus filhos, Luís, Carlos e Lotário, a Igreja foi ficando cada vez mais poderosa, numa Europa um tanto fragmentada, que ficava sobre um semi-efetivo controle seu, em virtude do provavelmente apócrifo documento "Doação de Constanino".

Deste aspecto da fragmentação, dentre outros, depreende-se a formação do feudalismo, que também encontra-se inserido na obra. Com as ressalvas dos casos italianos, oriundos do importante comércio no Veneza, e do caso Espanhol devido à presença islâmica e à Guerra de Reconquista, o autor situa as origens feudais geridas no colonato romano, moldadas no Império Carolíngio e instaladas no início da chamada Idade Média Central (séculos XI-XIII). Outro aspecto importante, por nós desconhecido antes das informações adquiridas pela leitura da obra, é que pudemos relacionar o fortalecimento da Igreja e sua imbricação com a sociedade feudal, ligação esta sempre apontada superficialmente e nunca suficientemente esclarecida em outras instâncias, já que a Igreja possuía uma unidade institucional frente a Europa retalhada. Para explanar sobre a vassalagem e suas influências nas relações clericais, cita passagens enriquecedoras de March Bloch, Paola Arcari e Jacques Le Goff, dentre outros. Visa, pois, entrelaçar o leitor leigo com alguns dos principais pesquisadores do período. Ressalte-se que, em sua bibliografia, figuram algumas das mais relevantes obras para o aprofundamento

do estudo do tema, tanto no âmbito do medieval, em suas diversas fases e faces.

Em suma, as relações entre Estado e Igreja variam sempre, entre acordos e desentendimentos, oscilando com os interesses de cada um em seu tempo. Embora a idéia de Império nunca mais tenha sido retomada após Carlos Magno, na época de Oto I e, especialmente, com Frederico Barba Ruiva, outros, como Henrique IV tiveram atritos com o pontífice, chegando a ser excomungados. Porém, era vantajoso para a Igreja a manutenção da paz com o Império, pois, assim, estaria protegida, ora dos sarracenos, ora dos normandos, ora do próprio Império ficando, por fim, nos estertores da Idade Média Central, com a hierocracia papal, mas que se mostrou uma vitória efêmera diante da organização das Monarquias Feudais.

Outro momento em que a Igreja investe na afirmação de sua soberania é com Urbano II e o movimento de peregrinação armada que incitou contra os infiéis orientais. Como aponta o autor, as Cruzadas, atreladas às necessidades sócio-político-econômicas do contexto de fins do século XI, modificaram mais uma vez a trajetória da Igreja cristã e da Europa ocidental, separadas então por uma tenue linha. As Cruzadas tiveram um caráter sacralizante, transformando os cavaleiros em soldados de Cristo. Tal movimento fez com que milhares de pessoas partissem para o Oriente, chegando a tomar a Antioquia e a própria Jerusalém, mas logo perdida. A quarta Cruzada, denominada Comercial, demonstra o desvirtuamento daquelas "Peregrinações Armadas", pois desvia-se de seu objetivo e chega a tomar a cristianíssima Constantinopla. Além disso, fundaram ordens monástico-religiosas como a dos Templários, com São Bernardo de Claraval, e a dos Hospitalários que cuidavam dos feridos e enfermos. Assim, desde a quarta Cruzada, tais expedições foram perdendo seu sentido e ideologia, merecendo destaque apenas a sétima e a oitava, lideradas por Luis IX, logo canonizado como São Luis.

Contudo, legaram rica literatura em inspiração artística. Vinho a lembrar que a presente obra expõe a produção literária e artística num capítulo que rompe com outra concepção padronizada e bastante difundida, a idéia renascentista de *Tenebrae*, nula de produção quaisquer criações. O "Renascimento" do século XII, tal como a antiga arte românica, as maravilhosas escultura e arquitetura Gótica,

tal como as universidades e mosteiros são, em poucas linhas, suficientes para colocar por terra tal definição da Idade Média. Vê-se então, no decorrer da leitura, que um novo horizonte surge frente às concepções legadas à cristandade medieval e ao medieval como um todo. Simultaneamente, há um aumento da necessidade de novas e mais específicas leituras, que podem ser realizadas agora sobre bases mais sólidas.

Daniel Valle Ribeiro mostra nessa obra não somente a trajetória da cristandade, desde suas origens até a era moderna, como também um perfil do que e no que foi presente, no Ocidente e em toda a Idade Média, de indulgente à inquisidora, a Igreja Católica fez com a Europa Medieval o que a última fez com o Novo Mundo na era Moderna. Descobriu-a, edificou-a e tornou-a apta a se incorporar ao Velho Mundo em favor deste. O autor e seu pioneirismo nos estudos acadêmicos brasileiros sobre a Alta Idade Média ofereceu-nos uma obra sucinta, de fácil compreensão, sem perda do rigor, que traz informações, às vezes só contidas em publicações mais específicas. É uma leitura essencial para iniciantes no estudo do assunto e, ao mesmo tempo, um manual indispensável para os mais experientes. (Bruno Gustavo Munerato; Cibelle Carrara; Germano M. Esteves Favaro; Richard Lorenz membros do NEAM. Unesp-Assis; texto publicado em: Andrade, Ruy de Oliveira (org.) *Relações de poder, educação e cultura na Antiguidade e Idade Média: Estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro*. São Paulo: Editora Solis, 2005, p. 591-593.)

Destaquemos, agora, as partes que estruturam o texto, conforme as instruções apresentadas no início desta unidade.

1- *Cabeçalho* — Como se trata de uma resenha publicada em obra específica da área de História Antiga e Medieval, os autores indicam nos dois primeiros parágrafos os dados bibliográficos da publicação resenhada. Entretanto, quando uma resenha acadêmica é apresentada para avaliação em uma disciplina ou quando o pesquisador elabora resenhas para uma pesquisa, é mais interessante apresentar o cabeçalho para facilitar a identificação do texto resenhado, como apresentamos a seguir:

RIBEIRO, Daniel Valle. *A Cristandade do Ocidente Medieval*. São Paulo: Editora Atual, 1996, 106 pp.

2- *Informação sobre o autor* — Dado que na área de História Antiga e Medieval, Daniel Valle Ribeiro, que é professor titular na Universidade Federal de Minas Gerais, é um pesquisador bastante conhecido, esta parte é dispensável para os especialistas. Entretanto, cabe lembrar que a resenha em foco faz parte de uma obra publicada em homenagem ao referido professor (esses dados podem ser confirmados na referência bibliográfica da obra em que se encontra a resenha) e que apresenta na introdução um texto cujo organizador destaca a importância do autor para a comunidade científica.

3- *Exposição sintética do conteúdo* — Praticamente toda a resenha (com exceção do primeiro parágrafo e parte do segundo, que apresentam a obra) é uma síntese crítica dos principais pontos tratados, que visam a traçar um panorama fiel do conteúdo do texto. Nessa síntese destacam-se:

*assunto* — a obra aborda "os fatos e as conjunturas mais relevantes da Igreja Católica e seu desenvolvimento no Ocidente Medieval" (ver parágrafo 3 da resenha)

*objetivos* — destacar a importância da Idade Média para a compreensão da História do Ocidente, pois os dez séculos que compreendem o medieval são um divisor de águas para a humanidade. A Idade Média precisa ser vista como a grande responsável pela montagem da Europa e pela configuração do mundo moderno e contemporâneo, principalmente no que diz respeito ao papel da religiosidade e da Igreja Católica. (ver parágrafo 1)

*idéia central* — discutir "os fatos e as conjunturas mais relevantes da Igreja Católica e seu desenvolvimento

no Ocidente Medieval", traçando uma trajetória que tem início no nascimento da crença, na Judéia, e na ação do apóstolo Paulo para sua propagação.

*principais passos do raciocínio do autor* — a própria estrutura da obra já evidencia este ponto, pois "a organização feita em capítulos e subcapítulos proporciona mais fácil compreensão do entrelaçar entre a expansão no Ocidente, fomentada após a vitória de Constantino sob o signo cristão, pelo bispo de Roma, vigário de Pedro, como decretara o Papa Leão I (440-461) e entre a ação dos doutores da Igreja, São Jerônimo, que traduziu o Antigo e Novo Testamento do hebraico e do grego para o latim, a famosa *Vulgata*". (ver parágrafo 4)

4- *Comentário crítico* — Embora durante todo o texto os autores façam a síntese da obra, não deixam de apresentar comentários sobre o trabalho em foco, como se pode verificar nos seguintes trechos:

(...) Num formato paradigmático, o livro figura como um prático manual que, com suas informações gerais, dispõe uma essencial leitura de base para o assunto. (parágrafo 2)

(...) A maneira com que trata o tema nos traz um claro entendimento das questões que consumam promover diversas dúvidas, principalmente nas extensas e difíceis publicações acadêmicas nas quais os autores escrevem para seus pares. (parágrafo 3)

(...) Outro ponto forte da obra é a constante contextualização com o universo Bizantino (...). (parágrafo 6)

(...) Elementos fundamentais para a compreensão do período medieval são abordados por Daniel Valle Ribeiro de forma factual e em evolução cronológica, sempre com a pertinente inserção dos universos Bizantino e Islâmico. (parágrafo 9)

(...) Para explanar sobre a vasalagem e suas influências nas relações clericais, cita passagens entusiasmadoras de March Bloch, Paola Arcari e Jacques Le Goff, dentre outros. Visa, pois, entrelaçar o leitor leigo com alguns dos principais pesquisadores do período. Ressalte-

se que, em sua bibliografia, figuram algumas das mais relevantes obras para o aprofundamento do estudo do tema, tanto no âmbito do medievo, em suas diversas fases e faces. (parágrafo 11)

Entretanto, no último parágrafo da resenha, há um comentário mais contundente e decisivo, dado que conclui a resenha, e que revela a importância da obra e de seu autor para a comunidade científica:

Daniel Valle Ribeiro mostra nessa obra não somente a trajetória da cristandade, desde suas origens até a era moderna, como também um perfil do que e no que foi presente, no Ocidente e em toda a Idade Média, de indulgente à inquisidora, a Igreja Católica fez com a Europa Medieval o que a última fez com o Novo Mundo na era Moderna. Descobriu-a, edificou-a e tornou-a apta a se incorporar ao Velho Mundo em favor deste. O autor e seu pioneirismo nos estudos acadêmicos brasileiros sobre a Alta Idade Média ofereceu-nos uma obra sucinta, de fácil compreensão, sem perda do rigor, que traz informações, às vezes só contidas em publicações mais específicas. É uma leitura essencial para iniciantes no estudo do assunto e, ao mesmo tempo, um manual indispensável para os mais experientes.

## 4 MARCAS DE SUBJETIVIDADE DO ENUNCIADOR

Como já foi dito anteriormente, a resenha deve apresentar elementos avaliativos, ou seja, comentários do enunciador (o resenhista) a respeito da obra resenhada. De modo geral, na resenha acadêmica é comum o enunciador evitar escrever em primeira pessoa, mas continuar expressando sua subjetividade de maneira indireta, garantindo veracidade ao dito e fazendo com que o comentário pareça surgir como uma característica da própria obra.

Voltemos a observar a resenha elaborada por Elisa Guimarães sobre a obra *O teatro de Oswald de Andrade – Ideologia, intertextualidade e escritura*, de autoria do professor José João Cury. Ao reler esse texto, podemos perceber que existem trechos em que a professora emite comentários relativos à organização do texto, à qualidade do trabalho e ao estilo do autor, evidenciando a subjetividade de maneira indireta ou implícita. Observemos os trechos selecionados:

(...) O autor-professor, testemunhando seu convívio com a boa didática, define e exemplifica com extrema clareza recursos in-